

# A educação física e os intelectuais

Paul Hazard  
(Eminente Professor Francês)

Facil seria encontrar, através da tradição francesa, a prova da união frequente entre a preocupação da alma e o cuidado do corpo. A educação moral desacompanhada da educação física está de antemão condenada a falhar.

Lembremo-nos do ardor de RABELAIS, ao entregar-se em conceber o ideal do homem, segundo a Renascença o imaginava, pelo programa de educação física que ele impõe ao mui nobre e ilustre GARGANTUA, que não é só o filho de PANTAGRUEL, mas talvez, o símbolo dos tempos novos: "Nada como peixe, direito, ao avesso, de lado, com o corpo todo, só com os pés, um das mãos no ar, com a qual, segurando um livro, atravessava todo o Sena sem o molhar, e puxando a capa com os dentes, como fazia JULIO CESAR. Em seguida, com a outra mão trepava num barco, e dele se atirava imediatamente à água, de cabeça, sondava o fundo, penetrava os rochedos, ia até os abismos e voragens. Depois virava o barco, governava-o, conduzia-o, ora depressa, ora devagar, contra a corrente, prendia-o, guiando-o com uma das mãos, e com a outra fazendo de remo, abria a vela, subia aos mastros, corria sobre as vergas, ajustava a bússola, escorava a bolina, aparelhava o leme. Saindo da água, subia montanhas a pique e descia-as facilmente; arranhava as árvores como gato, saltava de umas para outras como macaco, quebrava os grossos galhos como um novo MILON. Subia ao alto de uma casa, e de lá de cima vinha abaixo com tal jeito de membros que a queda não lhe fazia mal algum. Puzessem-lhe uma vara apoiada a duas árvores e nela ele se dependurava pelos mãos, indo e vindo, sem servir-se dos pés para coisa alguma. E para exercitar os pulmões e o torax berrava como todos os diabos!...

Apesar das citações deste gênero, que seria fácil multiplicar, nunca talvez a alta dignidade do esporte foi mais bem compreendida que pela atual geração. Existe já na França uma literatura de esporte, cuja representante mais nobre é sem dúvida HENRI MONTHERLANT. "Les onze devant la porte dorée" é título de uma bellissima obra sua, onde analisa o espirito de disciplina, de sacrificio, de energia, necessário a um time de futebol. "Le Paradis à l'ombre des épées" não é inferior em idéias, nem menos colorido em sentimentos. E' aí que se encontra o impressionante exemplo de uma familia burguesa que vai definhando: o pai vive ocupado em negócios, mãe e filha são absorvidas pelas futilidades da vida humana; só o rapaz que pratica o esporte compreende o valor da abnegação, do esforço, do progresso do corpo e da alma. O esporte refaz-lhe a moralidade. Numa familia de fantoches, ele virá a ser um homem.

Assinalemos também o caso de JEAN PRENOST. Este intelectual, antigo aluno da Escola Normal Superior, escritor de grande talento, pratica não só a esgrima e o "rugby", mas também o boxe. Acaba de escrever uma obra notável pelas qualida-

des literarias, intitulada "Le plaisir des Sports". Nela estudam-se ao mesmo tempo a psicologia do atleta por ocasião dos exercícos e as sensações d ebem estar, alegria e liberdade que a prática do esporte trás ao organismo humano. Esse livro passa por ser um dos melhores que ultimamente se tem escrito. Assim, inteligências de escol reconhecem e proclamam a utilidade da educação física. Condenam,

necessariamente, os excessos; são severos com as exhibições ridiculas, em que o snobismo e o interesse expulsam os nobres sentimentos. Mas admiram a beleza do esporte, e acima de sua beleza descobrem filosofia.

Há no esporte uma moralidade que se aproxima da mais elevada — a moralidade estoica "Ludus pro-pratia pro-humanitante ludus".